Representações do objeto direto anafórico em redações escolares

Autoria: Silvia Carolina Gomes de Souza - - -

Resumo: O presente trabalho analisa a realização do objeto direto anafórico nas redações de 6º ano, 9º ano e pré-vestibulares, com intuito de verificar qual é a estratégia de preenchimento favorecida. A partir dos estudos anteriores, constata-se que o objeto direto anafórico pode ser substituído também por pronome nominativo, SN anafórico e acusativo nulo. Em função disso, verifica-se a produtividade do clítico na escrita, observando a ação da escola para sua aquisição, além de analisar as outras estratégias de preenchimento, já que, na fala brasileira, o clítico vem se tornando menos frequente, como mostra Freire (2005). Para tanto, utilizam-se quarenta e cinco redações do sexto ano do ensino fundamental, do nono ano do ensino fundamental e do vestibular. O trabalho está fundamentado nos princípios teóricos-metodológicos da Teoria Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994) e da Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981). Parte-se do pressuposto de que (i) a variação é inerente ao sistema linguístico e não é aleatória, mas ordenada por variáveis sociais e linguísticas (WEIREICH, LABOV, HERZOG, 1968), (ii) a língua portuguesa apresenta parâmetro de objeto direto anafórico nulo (CHOMSKY, 1981). Através de uma análise qualitativa e quantitativa, observou-se que: (i) no sexto ano, o SN anafórico é a estratégia preferida para realizar o objeto direto; (ii) os alunos do nono ano e do vestibular utilizam o clítico acusativo, e (iii) há grande influência da escolaridade no preenchimento do objeto direto anafórico. PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe, Objeto direto anafórico, Variação.